

TRATADO DE VIDA MARIANA

**VENERÁVEL FREI MIGUEL DE SANTO
AGOSTINHO**

Carmelita

**(ORGANIZADOR PE. FR. MARCELO
AMARAL AQUINO, O. CARM.)**

**TRADUÇÃO E NOTAS:
FREI TINUS VAN BALEN, O. CARM.**

2º edição - Maio/2018

CDD 232.91



INTRODUÇÃO.....	5
-----------------	---

CAPÍTULO I

FUNDAMENTO DA VIDA MARIANA: MARIA MEDIANEIRA DAS GRAÇAS.....	11
---	----

CAPÍTULO II

A VIDA MARIANA SE DEIXA CONDUZIR EM TUDO POR UM AMOR FILIAL PARA COM A NOSSA MÃE CELESTE.....	18
---	----

CAPÍTULO III

O AMOR PARA COM DEUS, COMO PRINCÍPIO DA VIDA MARIANA.....	23
--	----

CAPÍTULO IV

A EXPERIÊNCIA MARIANA: O REINO DE MARIA EM NÓS	27
---	----

CAPÍTULO V

A VIDA MARIANA É TOTALMENTE ORIENTADA PARA O REINO DE JESUS E PARA DEUS COMO NOSSO FIM ÚLTIMO	32
---	----

CAPÍTULO VI

A PERFEIÇÃO ESPECIAL DA VIDA MARIANA	35
--	----

CAPÍTULO VII

UNIDADE ORGÂNICA DA VIDA MARIANA.....	40
--	-----------

CAPÍTULO VIII

A VIDA MARIANA É IMPEDIMENTO PARA PERFEIÇÃO DA CONTEMPLAÇÃO	44
--	-----------

CAPÍTULO IX

A UNIÃO SUBLIME DE MARIA COM DEUS ESCLARECE A UNIDADE ORGÂNICA DA CONTEMPLAÇÃO MARIANA	48
---	-----------

CAPÍTULO X

ILUMINAÇÕES A RESPEITO DA SUBLIMIDADE DE MARIA, FONTE DA VIDA MARIANA.	52
--	-----------

CAPÍTULO XI

FRUTOS DA VIDA MARIANA	56
-------------------------------------	-----------

CAPÍTULO XII

SIMPLIFICAÇÃO E ESPIRITUALIZAÇÃO DA VIDA MARIANA	59
---	-----------

CAPÍTULO XIII

A VIDA MARIANA É VIVER SEGUNDO O ESPÍRITO DE JESUS.....	65
--	-----------

CAPÍTULO XIV

FIM E RESULTADO ÚLTIMO DA VIDA MARIANA: TRANSFORMAÇÃO EM MARIA.....	69
--	-----------

Introdução

Apresentamos o texto do “Tratado de vida Mariana”, que tem um lugar de destaque nos escritos carmelitanos sobre Maria, a “Mãe dos Carmelitas”, visto que este é um dos títulos oficiais dela na Ordem Carmelita.

O escritor deste opúsculo é o carmelita da antiga observância Frei Miguel de Santo Agostinho, cujo nome no século é Juan Van Ballaer. Ele viveu no século XVII (1621-1684). Nasceu em Bruxelas (Bélgica), entrou na Ordem do Carmo em 1639 (aos 18 anos) e depois da ordenação presbiteral em 1645 foi professor de Filosofia e Teologia, mestre de noviços, provincial e prior. Foi um grande orientador espiritual e escreveu diversos livros sobre o assunto.

Entre as pessoas orientadas pelo frei Miguel está Maria Pety (1623-1677), uma reclusa que não era carmelita, mas viveu uma vida de solidão e contemplação; teve experiências místicas, descritas numa autobiografia, publicada depois de sua morte pelo próprio Frei Miguel. Como um tipo de ligação à

Ordem Terceira do Carmo ela adotou o nome de irmã Maria de Santa Teresa.

A presente publicação é a última parte da obra de Frei Miguel: *Institutiones mysticae*, publicada em 4 volumes (entre 1661 e 1669). A terceira parte do Volume IV, editado em holandês em 1669, é totalmente dedicada à “vida de união com Maria”. Esta tradução é fiel e quase literal procurando conservar as expressões da época barroca. Porém, um leitor atencioso, que não deixa guiar pelos preconceitos do nosso tempo, percebe logo a autenticidade e simplicidade de uma verdadeira experiência religiosa (vida mariana) que se manifesta com expressões da época, as vezes demasiadamente repetidas para nós, homens modernos. Transparece no escrito o amor verdadeiro com o qual o nosso autor descreve a sua própria experiência e a de sua discípula Maria Pety e por isso a leitura não cansa, mas “edifica”.

Miguel de Santo Agostinho foi teólogo muito sólido. Usando os termos da literatura mística ele quer primeiro dar um testemunho de fé e transmitir aos leitores esse testemunho, sem perder-se em especulações teológicas.

O fio condutor do venerável carmelita aparece claramente no início do capítulo 12: “As almas que amam Maria parecem ter as seguintes experiências a

respeito da vida mariana: a vida em Maria, para Maria e por Maria, e ao mesmo tempo, em Deus, para Deus e por Deus, pode ser vivida quase com a mesma simplicidade, intimidade e elevação do espírito com que é vivida em Deus”.

Em todas as páginas deste livrinho aparece esta ideia fundamental: que não devemos contemplar separadamente ou desligar o que é de Deus e o que é de Maria. Podemos dizer que o autor não quer em primeiro lugar propagar a devoção a Nossa Senhora e sim descrever uma dimensão que marca, que pode marcar a vida religiosa em geral, a dimensão mariana. Queremos neste contexto citar entre os documentos modernos, que tratam sobre a Igreja, apenas a Constituição Lumen Gentium¹ e a coletânea de Missas de Nossa Senhora² Assim como na ação litúrgica³ entre Cristo e a Igreja, da mesma forma há uma ligação íntima e inseparável entre Cristo e Maria, que é fundamentalmente imagem da própria Igreja e modelo de todos os fiéis.

A Lumen Gentium diz: “Enquanto na Beatíssima Virgem a Igreja já atingiu a perfeição, pela qual existe sem mácula e sem ruga (Ef 5, 27), os cristãos ainda

¹ Constituição dogmática sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II, 1962-1965.

² Publicada pela Editora Paulinas em dois volumes.

³ Termo litúrgico que sugere a colaboração íntima e indissolúvel.

se esforçam para crescer em santidade vencendo o pecado, por isso elevam seus olhos a Maria que refulge para a comunidade dos eleitos como exemplo de virtudes. Piedosamente nela meditando e contemplando-a à luz do Verbo feito homem, a Igreja penetra com reverência mais profundamente no sublime mistério da Encarnação, assemelhando-se mais ao Esposo...” (L.G cap. VIII, nº 65).

A admirável introdução da coletânea confirma esta “Mariologia”, que doravante faz parte da própria Ecclesiology e Cristologia e que é um elemento orgânico dos tratados principais da Teologia. Queremos citar o nº 17: “A força do exemplo da Santíssima Virgem, que brilha na própria ação litúrgica, impele os fiéis a conformar-se à Mãe para mais plenamente se conformarem ao Filho. E também impele a celebrar os mistérios de Cristo com os mesmos sentimentos de piedade com que ela participou do nascimento do Filho, de sua epifania, morte e ressurreição...” (introdução da coletânea pág. 14).

A piedade do século XVII, menos impregnada pela teologia bíblica, difere da renovação litúrgica que nessa época teve o privilégio de experimentar. A Igreja de Cristo, porém, é

sempre a mesma. A fé perene brilha nas páginas de Frei Miguel de Santo Agostinho e meditando o seu texto sentindo-nos tocados como irmãos dele, irmãos devotos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo⁴

O texto original em holandês, encontramos por uma grande sorte, na preciosa biblioteca das Monjas Carmelitas de Jaboticabal. O texto foi trazido em 1948 pelas irmãs carmelitas holandesas, quando fundaram o Mosteiro “Flos Carmelli”. A irmã Maria Angélica nos prestou uma ajuda imprescindível. A sua sensibilidade e a sua congenialidade com a espiritualidade carmelitana facilitou a tradução do holandês para o português. O ambiente acolhedor do mosteiro estimulou o nosso modesto trabalho. Agradecemos ao Frei Pedro Caxito (in memoriam) que corrigiu com muita precisão o

⁴É interessante o que escreve redemptus Valabek no seu artigo: Mary within the mystical experience. Our Lady in the life and writings of vem Michael of St. Augustine O. Carm. And vem. Marie Pety, OTC, nas revista: Carmel in the World (Institutum Carmelitanum, 1983), pág. 108: a escola de espiritualidade é a liturgia. Muitas vezes houve dicotomia(separação e tensão) entre mística e devoção mariana por um lado e a liturgia por outro lado. Mas a maioria das visões e experiências místicas marianas de Maria Pety aconteceram durante comemorações e festas litúrgicas de Maria Santíssima. Veja nota 32, página 45.

texto final e ao Frei Wilmar Santin, diretor da Editora do Carmo, que revisou minuciosamente a tradução. Sem seu entusiasmo e teimosia, o famoso texto do Frei Miguel de Santo Agostinho talvez nunca fosse publicado no Brasil.

Frei Tinus Van Balen, O. Carm.